



SAPE, CÃO!

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez um cão com dono...

Era uma vez um gato sem dono...

– Quem vem lá? – pergunta o cão, de focinho no ar, a farejar, a farejar...

Claro que esta pergunta a fez ele muito antes de tudo isto começar – aí a uns duzentos metros desta história.

O gato não tem o faro tão apurado, mas os olhos dele atravessam a distância e pressentem sombras e ameaças, que só ele conhece. Por acaso, desta vez, o gato não ia a olhar para onde devia. Era um gato distraído. Ou míope.

Quando se lhe eriçaram os bigodes, já era tarde. À sua frente, de supetão, um cão cãozarrão, voz de trovão... Que aflição!

Foge!

Antes que lhe dissessem, já ele tinha fugido. As patas iam à frente, e ele com elas. Tal como nos filmes de desenhos animados.

Este filme é curto. Acaba numa árvore sem frutos, sem folhas, uma árvore mesmo a propósito para salvar gatos.

Correu por ela acima e não deu por que subia. Nem que fosse um pinheiro gigante, um mastro, um muro de castelo. Nem que fosse a Torre Eiffel... De unhas-canivetes-picaretas, com a pressa atarantada em que ia, o gato até era capaz de trepar à Lua, se houvesse escadas para lá chegar.

Ficou-se pelo cimo da árvore. Deu por isso quando lhe faltou o apoio. Sobravam-lhe forças para muito mais lances.

– E agora? – perguntou, lá de acima, o gato, engolindo ar.

Ele era preto, como o corvo da fábula, enquanto o cão, mal acompanhado, fazia as vezes da raposa. Faltava apenas o queijo. E a manha.

– E agora? – perguntou de novo o gato, mais seguro do seu poiso.

– Agora fico à espera que a árvore dê frutos e os frutos caiam de maduros... – rosnou o cão.

Se nos ficássemos por aqui, esta história não chegava ao fim, o que era pena. Temos nós, portanto, de acrescentar o mais importante da fábula.

Sim, porque isto é uma fábula, a do cão, animal doméstico, e do gato, animal vadio... As conclusões, vocês que as tirem.

– Piloto! – chamou uma voz, longe.

O cão Piloto fingiu que não era com ele.

– Estão a chamar-te, Piloto. Tens de ir – aconselhava-lhe, do seu poleiro, o gato. – Sempre ouvi dizer que os cães são muito obedientes.

– Piloto! – repetiu a voz, mais perto e mais impaciente.

O cão rosnou, levantou os traseiros e voltou a sentar-se.

– Piloto, venha já ao dono! – gritou a voz ameaçadoramente perto.

E o Piloto, de cabeça baixa, lá foi, suspirando...

FIM